

Adaptação Cultural e Exclusão em “No Seu Pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie

GABRIELLA GARGALHÃO ANTUNES



ADAPTAÇÃO CULTURAL E EXCLUSÃO EM “NO SEU PESCOÇO”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Gabriella Gargalhão Antunes

Graduanda em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Bolsista de iniciação científica no projeto Migração, identidade e memória: representações do imigrante na literatura contemporânea em língua inglesa.

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o conto “No Seu Pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie, com a finalidade de apresentar como são abordadas as questões inerentes à adaptação do imigrante ao país de adoção, assim como as dificuldades decorrentes do preconceito social. Para tanto, a visão estereotipada do imigrante africano será igualmente abordada.

Palavras-chave: Imigração; adaptação cultural; exclusão.

Introdução

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana que tem atraído grande atenção para a literatura africana na atualidade. Adichie emigrou para os Estados Unidos aos 19 anos, com vistas ao ingresso em uma universidade norte-americana. Em seus romances e contos a autora aborda questões feministas, preconceito, adaptação e relações interculturais e a luta pela igualdade em todas as esferas sociais e raciais.

Com a globalização as diásporas contemporâneas estão disseminadas e, em consequência, há um grande interesse do público leitor em geral no processo de integração do emigrante ao país de destino. Segundo a própria autora afirmou em uma conferência, ao chegar aos Estados Unidos, ela vivenciou diversas situações de preconceito. Podemos perceber claramente em sua obra o interesse em retratar temas que foram vivenciados por ela:

O que me impressionou foi o seguinte: ela sentiu pena de mim antes mesmo de me ver. Sua posição padrão em relação a mim, como africana, era uma espécie de piedade bem intencionada. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África: uma única história de catástrofe. Nessa única história, não havia possibilidade de que os africanos fossem parecidos com ela de modo algum, nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade, nenhuma possibilidade de uma conexão igual como ser humano (ADICHIE, 2009; tradução nossa)¹.

Neste trabalho, analisaremos o conto “No Seu Pescoço”, que faz parte de um livro da autora, que possui o mesmo título. Publicado pela primeira vez no ano de 2009, o livro aborda as temáticas da imigração, desigualdade social e racial e relações religiosas

¹ What struck me was this: She had felt sorry for me even before she saw me. Her default position toward me, as an African, was a kind of patronizing, well-meaning pity. My roommate had a single story of Africa: a single story of catastrophe. In this single story, there was no possibility of Africans being similar to her in any way, no possibility of feelings more complex than pity, no possibility of a connection as human equals. (ADICHIE, 2009, p. 2)

e familiares. Serão abordadas as questões de adaptação cultural e preconceito racial sofridos pela personagem principal do conto, que deixa a Nigéria em busca de uma vida melhor. O conto é narrado em terceira pessoa, porém com um acesso ilimitado à mente da personagem, de modo que o leitor possa acompanhar suas experiências do seu ponto de vista. Apesar de centrado na vida da personagem, o romance retrata uma experiência universal, pois narra situações enfrentadas por muitos imigrantes.

Uma história sobre imigração

O processo de desterritorialização de um indivíduo implica no rompimento com o seu país de origem e mais que isso, “uma tripla ruptura: espacial, identitária e cultural” (CARREIRA, 2015, p. 5). Na chegada ao país de destino, o imigrante passa por uma reterritorialização, ou seja, um processo de adaptação à nova terra.

Em “**No Seu Pescoço**”, acompanhamos a saga de Akunna, uma menina nigeriana, recém-chegada aos Estados Unidos. Para ela e sua família, conseguir o visto americano é como ganhar na loteria. Representa o sonho de ter uma casa confortável, carros e uma vida melhor. Entretanto, a recepção nos EUA, não é como esperado. Ela fica hospedada na casa do seu tio de consideração, que a matricula em uma faculdade comunitária, onde ela é recebida pelos seus colegas como um ser exótico:

Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância foi como ele definiu (ADICHIE, 2009, p. 60).

É notável como a visão dos estadunidenses a respeito dos africanos é baseada em um estereótipo, que os reduz a seres exóticos, vivendo em condições quase bárbaras. Dessa forma, percebemos como a superioridade está presente no discurso norte-americano em relação ao imigrante africano.

O tio de Akunna, entretanto, não se importa com a opinião alheia. Muito embora os vizinhos tenham atribuído a ele o sumiço de animais, insinuando que ele os comera, ele não se deixa afetar pelo preconceito. O emprego que obteve, bem como o fato de morar em uma área povoada por brancos, faz com que releve qualquer acusação ou estigma.

A personagem se sentia confortável na casa do seu tio. Ela achava que poderia se sentir em casa, com ele e com sua família. Como podemos ver na citação a seguir: “Você ria com seu tio e se sentia à vontade na casa dele; a esposa dele a chamava de nwanne, irmã, e seus dois filhos em idade escolar a chamavam de “titiá”. Eles falavam igbo e comiam garri de almoço, e era como estar em casa” (ADICHIE, 2009, p. 60).

No entanto, a vida de Akunna começa a tomar um rumo diferente quando seu tio tenta molestá-la sexualmente, alegando que seria uma forma de pagamento pela estadia em sua casa. Para ele, essa atitude segue a lógica de dar e receber, que ele afirma ser praxe nos Estados Unidos:

Até que seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos. Ele não era seu tio de verdade; na verdade, ele era irmão do marido da irmã de seu pai, não parente de sangue. Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2009, p. 60).

De acordo com o discurso do tio da personagem, nada é gratuito nos Estados Unidos, nem mesmo para as norte-americanas. Tudo tem como base uma política de troca, do dar para receber. Nessa afirmação, é possível perceber um discurso misógino.

Akunna, então, deixa a casa de seu tio e inicia a vida sozinha em um lugar até então desconhecido. Ela começa a trabalhar como garçoneite em um restaurante e sua desilusão em relação ao sonho americano começa a surgir. Akunna não se sente à vontade para escrever à família, pois a condição em que vive em nada se assemelha à expectativa de todos. Muitos no seu país de origem gostariam de estar em seu lugar, sem imaginar o quão difícil era estar ali:

Às vezes, ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país — nas suas tias que vendiam peixe seco e banana-da-terra na rua, adulando os passantes para que comprassem com elas e logo gritando insultos para aqueles que recusavam; nos seus tios, que bebiam o gim nacional e espremiavam suas famílias e suas vidas em apenas um cômodo; nos amigos que tinham vindo se despedir de você, se regozijando porque você havia ganhado a loteria do visto americano, confessando a inveja que sentiam [...] (ADICHIE, 2009, p. 61).

O silenciamento devido à decepção de Akunna é o principal impedimento ao contato com a família. Por muitas vezes ela sentira vontade de escrever. Porém, pela falta de recursos para enviar presentes a sua família e amigos, ela desistia e “à noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono” (ADICHIE, 2009, p. 62). Essa sensação que dá o título ao conto e ao livro de Adichie representa a opressão sofrida pelo imigrante. Ela sofre um duplo deslocamento, que consiste na “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2003, p. 9). A personagem se sente só, o que a impede de falar e de se fazer ser ouvida.

“A integração é um processo e resultado do contato intercultural, é tanto de continuidade como de mudança, além de reciprocidade e acomodação mútuas” (BERRY, 2004, p. 29). Em um primeiro momento, as relações interculturais para Akunna não são bem-sucedidas. A falta de conhecimento dos norte-americanos sobre a África a destituiu, inclusive, de sua identidade cultural, pois frequentemente é identificada como jamaicana:

Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinhavam que você era africana diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári (ADICHIE, 2009, p. 62).

Em seu novo emprego, a personagem lida diariamente, com a diversidade cultural. A sua primeira impressão é de estranhamento, por presenciar situações que pareciam impossíveis na Nigéria, como por exemplo: o modo de educar as crianças, sem punir um mau comportamento e o desperdício de alimentos.

A par disso, o modo com o qual as pessoas a tratam a impede de conectar-se com os americanos. O racismo, não apenas entre brancos e negros, e a visão estereotipada dos africanos constituem um obstáculo à interação.

Akunna traz a sua herança cultural que interfere em como ela enxerga a nova cultura, de maneira que ela fica em uma posição em que ela, até então, não esquece suas raízes. “A concepção da identidade nacional passa por mediações que permitem o compartilhamento do idioma, de uma história com raízes longínquas, uma tradição, um folclore, além dos símbolos oficiais que representam a nação” (CARREIRA, 2015, p. 8), identidade a qual ainda é muito presente na vida da personagem. Ela é uma imigrante que se sente fora de tudo àquilo que vivencia, e, com o sentimento de que não pertence àquele lugar.

A representação do processo de integração na obra

Processo de integração a um novo país é geralmente difícil e, no caso da protagonista do romance, não é diferente. Por muito tempo a sensação de nó no pescoço acompanhou a personagem, para ceder apenas quando Akunna conhece um rapaz no restaurante em que trabalha. Como ele não a trata com indiferença, como uma pessoa exótica, isso chama a sua atenção. Ele tem ideias totalmente diferentes dos outros americanos a respeito da África e, em um primeiro momento, isso a deixa em um estado de alerta, porém, com o tempo ela se torna cada vez mais próxima e interessada.

A aproximação entre Akunna e o rapaz que virá a ser seu namorado é um fator determinante para o que Berry (2004) denomina “integração”, conceito que se baseia em uma relação bidimensional com o país de adoção. Por um lado, a cultura de origem é mantida e, por outro, traços da cultura atual são adquiridos. Akunna tenta conciliar as duas culturas; começa a conhecer mais os Estados Unidos e a fazer parte do contexto o qual ela agora faz parte. Ao revelar-lhe dados sobre a sua vida na Nigéria e perceber-se aceita, sua relação com a América muda: “aquilo que se enroscava ao redor do seu pescoço, que quase sufocava você antes de dormir, começou a afrouxar, a se soltar” (ADICHIE, 2009, p. 65). O sentimento de opressão que ela sentia, começa a diminuir.

No entanto, o namorado de Akunna tem um modo de vida que ela não compreende. Vindo de uma família com posses, ele decidira trancar a faculdade para viajar, algo que ela não consegue entender. Na Nigéria, estudar é um privilégio do qual não se abdicava.

Aos poucos, as diferenças começam a se revelar de um modo mais contundente. Todos os presentes, viagens e o que mais ele possa oferecer-lhe, não fazem sentido. Fora

criada segundo um princípio de “utilidade”, dispensando tudo o que era superficial. Como ele não deixa de lhe comprar presentes, ela os guarda para dar aos seus parentes e amigos algum dia, que a pediram no momento da sua partida da Nigéria:

Batalhões deles entraram no quarto em Lagos que você dividia com seus pais e três irmãos, apoiando-se nas paredes sem pintura porque não havia cadeiras para todos, para se despedir em voz alta e lhe dizer, em voz baixa, o que queriam que você lhes enviasse. Em comparação com o carro grande e a casa grande (e talvez com a arma), as coisas que desejavam eram simples — bolsas, sapatos, perfumes, roupas. “Você disse tudo bem, sem problema” (ADICHIE, 2009, p. 60).

A consciência do preconceito e da estigmatização assombra Akunna, pois percebe que as pessoas não a veem como uma possível companheira para ele. Ela está sempre ciente dos olhares que as pessoas lhes lançam e da carga de discriminação que carregam. Podemos citar a passagem em que, estando juntos no restaurante, o garçom parece ignorar o seu papel de namorada, ainda que eles se beijem diversas vezes:

Certa vez, no Chang’s, ele disse ao garçom que tinha ido recentemente a Xangai e que falava um pouco de mandarim. O garçom ficou animado, falou qual era a melhor sopa e depois perguntou: “Você tem namorada em Xangai agora?”. Ele deu um sorriso, sem dizer nada. (ADICHIE, 2009, p. 64)

A reação das pessoas causa-lhe desconforto, como é possível observar na passagem abaixo:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia; os homens e mulheres brancos que diziam “Que casal bonito” num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta (ADICHIE, 2009, p. 65).

Quando, finalmente, Akunna é apresentada aos pais do namorado, surpreendentemente, se sente confortável por não ser tratada como uma pessoa diferente. Ao mesmo tempo, chama-lhe a atenção o fato de seu namorado despreza todas as vantagens que lhe são concedidas pelos pais, sob a alegação de que são concedidas segundo um princípio de troca, com o qual ela, desafortunadamente, já havia tido contato através do tio.

Mas os pais dele eram diferentes; quase fizeram você acreditar que era tudo normal. A mãe disse que ele nunca tinha apresentado uma garota para eles, com exceção daquela que levava ao baile de formatura do ensino médio, e ele deu um sorriso forçado e apertou sua mão. A toalha da mesa cobria suas mãos dadas. Ele apertou a sua e você apertou de volta, perguntando-se por que ele estava

tão tenso, por que seus olhos cor de azeite extra virgem ficavam mais escuros quando ele se dirigia aos pais. [...] Você olhou para eles e se sentiu grata por não a examinarem como a um troféu exótico, uma presa de marfim (ADICHIE, 2009, p. 65).

A personagem percebe como o namorado se sente desconfortável na presença dos pais, e isso a incomoda, por não entender o que ele exatamente sente. Quando ele finalmente explica os problemas que ele enfrenta com os pais, ela não possui outro sentimento a não ser revolta:

Depois ele falou dos problemas que tinha com os pais, da maneira como eles distribuíam seu amor como se este fosse um bolo de aniversário, e que dariam um pedaço maior se ele estudasse direito. Você quis ser solidária. Mas, em vez disso, sentiu raiva (ADICHIE, 2009, p. 65).

O retorno às origens

Ao contrário de muitas narrativas sobre a imigração, o conto de Adichie não é marcado pelo desejo de retorno à terra natal, até mesmo porque a protagonista tem ciência de que para manter sua candidatura ao **Green Card** terá de permanecer em solo americano. A narrativa é marcada por sucessivos adiamentos de comunicação com a família. Quando Akunna decide finalmente escrever aos seus familiares, o comunicado de que seu pai havia morrido a deixa atordoada. Podemos perceber como ela se sente culpada por ter aproveitado os meses com o namorado e não ter entrado em contato com os pais. A notícia lhe traz também a conscientização de que abandonara aos poucos a sua origem, deixando que as memórias fossem esparsas e fugidias.

Seu pai estava morto; simplesmente caiu sobre o volante do carro da empresa. Há cinco meses, escreveu ela. Eles tinham usado parte do dinheiro que ela enviara para dar a ele um bom funeral: mataram um bode para os convidados do velório e compraram um bom caixão. Você se enroscou na cama, apertou os joelhos contra o peito e tentou lembrar o que estava fazendo quando seu pai morreu, o que tinha feito durante todos aqueles meses em que ele já estava morto. Talvez seu pai tivesse morrido no dia em que você sentiu calafrios pelo corpo todo, ficando com os pelos duros como grãos de arroz crus, sem saber explicar por que, no dia em que Juan brincou que você devia ficar no lugar do cozinheiro, para poder se esquentar com o calor da cozinha. Talvez seu pai houvesse morrido num dos dias em que você dirigiu até a cidade de Mystic, ou assistiu a uma peça em Manchester, ou jantou no Chang's (ADICHIE, 2009, p. 65).

No momento em que a personagem decide voltar à Nigéria, ela sabe que esse retorno será um reencontro com suas memórias e sua tradição. O processo de integração à nova cultura se encaminhava para a assimilação e o abandono das origens, sendo interrompido pela notícia do falecimento do pai. O retorno é uma tentativa de reescrita da própria história. Quando o namorado lhe pede para acompanhá-la, ela não aceita. Intimamente sabe que, apesar de ter prometido retornar, é improvável que o faça.

Considerações finais

O conto analisado questiona as dificuldades enfrentadas por uma imigrante, desde o momento de sua chegada ao novo país e aborda o preconceito e o processo de adaptação a uma nova cultura. **“No Seu Pescoço”** apresenta de uma forma sutil todas as questões relativas aos movimentos diaspóricos, a desmistificação do tão superestimado “sonho americano”, que, muitas vezes, faz com que o migrante abdique da própria cultura.

As diferentes etapas do processo de adaptação cultural são visíveis na trajetória da personagem Akunna: o choque cultural, a percepção do estigma e a sua superação.

Finalmente, a decisão de Akunna de voltar ao seu país emblematiza a necessidade que alguns imigrantes sentem de retornar às suas origens e retomar a sua herança cultural por inteiro. Entretanto, isso não é comum em situação de diáspora. Geralmente, quando ocorre, o retorno é breve e provoca uma sensação de estranhamento, pois os referenciais culturais já não são os mesmos.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DE BIAGGI, Sylvia; PAIVA, Geraldo José de (orgs.). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 29-45.

CARREIRA, Shirley de S. G. et al. **Travessias: estudos de literatura e imigração**. UNIABEU, Belford Roxo, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

CULTURAL ADAPTATION AND EXCLUSION IN “THE THING AROUND YOUR NECK”, BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Abstract: The aim of this article is to analyze the short story “The Thing Around Your Neck”, by Chimamanda Ngozi Adichie, with the purpose of presenting how the issues inherent in the immigrant’s adaptation to the country of adoption are discussed, as well as the difficulties arising from social prejudice. To this end, the stereotyped view of the African immigrant will also be addressed.

Keywords: Immigration; cultural adaptation; exclusion.